

Globalização do Holocausto, novas mídias e ensino de história: o caso do museu do Holocausto de Curitiba.

Danielle da Silva Maçaneiro Beiersdorf<sup>i</sup>

O Holocausto tem sido representado em diversos lugares de memória do mundo havendo assim, uma globalização do “dever da memória”. A rememoração do Holocausto nazista é o único caso globalizado da história devido às proporções que teve. Suas vítimas após o fim da guerra se espalharam pelas mais diferentes áreas do mundo como refugiados. As discussões tem sido feitas em diversos países do mundo que viveram genocídios e limpeza étnica, tortura e desaparecidos sobre regimes ditatoriais, apartheid, salazarismo, franquismo. As discussões são mais amplas abrangendo temas como os direitos das minorias, a vitimização e a delegação de responsabilidades.

A história do Holocausto é Segundo Huyssen<sup>ii</sup> tem sido globalizada a partir da memória, e ocorre em dois sentidos: 1) O Holocausto se transformou em uma imagem/representação dos século XX, uma experiência limite, que serviu como prova do fracasso da civilização ocidental, de sua incapacidade de viver em paz e de aceitar as diferenças. 2) Também se tornou um exemplo de acontecimento traumático. A sua rememoração e o seu caráter educacional o tornam um acontecimento único, que serve como exemplo a todos os que lutam por justiça e contra a discriminação (racial, sexual, crença) em todo o mundo.

Surgem vários lugares de memória sobre o Holocausto. Além do Museu Yad Vashem<sup>iii</sup> fundado em 1953 em Jerusalém logo após a fundação do Estado de Israel, surgiram mais tarde diversos outros locais como a fundação Shoah<sup>iv</sup> fundada em 1994 em New York, o museu Judaico na África do Sul, South African Jewish Museum, Hotel de Saint-Aignan, sede do Museu de Arte e de História do judaísmo em Paris fundado em 1998<sup>v</sup>, o museu judaico da Tchecoslováquia, situado na cidade de Praga que é fundado em 1906, fechado pelos nazistas em 1939 e reaberto em 1950<sup>vi</sup> e por fim entre os mais

representativos o United States Holocaust Memorial Museum<sup>vii</sup> fundado em 1989.

Assim como inúmeros campos de concentração e extermínio, que foram conservados e transformados em lugares da memória, como o de Auschwitz-Birkenau<sup>viii</sup> fundado em 1947, além dos incontáveis monumentos e memoriais do Holocausto espalhados pelo mundo. Sendo o monumento de Berlim um dos mais expressivos<sup>ix</sup>, criado em 2005.

No Brasil existem vários espaços destinados à rememoração deste fato histórico, como o Instituto Shoah de Direitos Humanos, da USP<sup>x</sup>, bem como o Instituto Cultural Marc Chagal<sup>xi</sup> de Porto Alegre, RS, entre outros diversos projetos desenvolvidos pelo LEI, Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da USP como recolhimento de testemunhos dos sobreviventes do genocídio, lançamento de livros relacionados ao tema entre outros. No entanto, no Brasil, não existia um local, destinado exclusivamente, a “rememoração” do Holocausto, até 2011 quando foi inaugurado o primeiro museu do Holocausto brasileiro na capital paranaense, Curitiba. O museu abriu suas portas para visitação ao público em 12 de fevereiro de 2012, recebendo pessoas da comunidade entre elas estudantes.

Com objetivos muito bem pontuados em sua página oficial, o museu baseia-se em quatro pilares principais: Memória, Documentação, Investigação e Educação. Com base nestes pilares desenvolve seu plano de atuação.

“ \*Aproximar a memória e o estudo sobre a *Shoá* (Holocausto) da comunidade judaica e da sociedade paranaense;

\*Transformar-se em referência de estudo e ensino do *Holocausto* em instituições educacionais do Paraná e do Brasil;

\*Promover um espaço dinâmico de discussão e aprofundamento de temas relacionados ao *Holocausto*;

\*Transmitir a *Shoá* através de valores universais, baseados na tolerância e convivência mútua e pacífica entre os povos;

\*Auxiliar na construção de valores de superação do ódio, racismo, discriminação e intolerância;

\*Servir de elo entre a comunidade judaica paranaense e entidades judaicas no Brasil e no mundo relacionado à memória do Holocausto;

\*Conservar fontes documentais que promovam a preservação da memória e seu uso como informação à gestão universitária e à pesquisa científica.”.<sup>xii</sup>

A partir da análise dos tópicos destinados aos objetivos do museu percebe-se como tem claro o objetivo de dar visibilidade ao museu e da presença judaica no Paraná, quando se pontua a frase: comunidade judaica e sociedade paranaense. E percebe-se como investem nesta ideia de construção de uma identidade coletiva para os judeus do Paraná, baseando a sua construção através do Holocausto.

O museu de Curitiba, assim como evidenciado anteriormente tem vários projetos educacionais que visam preservar, rememorar o Holocausto, bem como desenvolver projetos educativos que visam acima de tudo o fim da intolerância, exposições itinerante, como exemplo a exposição “Tão somente crianças” que esteve durante todo o mês de março em Brasília e agora estará no Rio de Janeiro, onde evidência as experiências que os sobreviventes tiveram quando crianças nos campos de concentração e extermínio, a exposição é acompanhada por diferentes sobreviventes que se dispõem a dar palestras sobre o tema durante a permanência da mesma, tornando-se assim o museu um local de partida para projetos de memória e educação para todo o Brasil, cursos para professores de escolas públicas e particulares e seminários e palestras dadas por sobreviventes, de como trabalhar a temática do Holocausto.

A instituição foi fundada e é financiada pela Associação Casa de Cultura Beit Yaacov<sup>xiii</sup>, uma e possui uma intensa ligação com a comunidade judaica de Curitiba, além de estabelecer relações de apoio principalmente do museu Yad Vashem.

O museu é o nosso objeto de pesquisa, desenvolvida junto ao programa de mestrado História, Poder e Práticas Culturais, e Identidade, na UNIOESTE. A pesquisa buscar entender as condições que levaram o museu a surgir em Curitiba, seus objetivos, interesses, projetos. Compreendendo assim como o museu se inseri num movimento de globalização do Holocausto, como se destaca no ponto seis dos objetivos do museu, quando destaca que tem como objetivo: ‘ Servir de elo entre a comunidade judaica paranaense e entidades judaicas no Brasil e no mundo relacionado a memória do Holocausto’. Como podemos perceber o museu tem como objetivo a globalização desta memória e o faz através de cooperação com demais lugares de memória como o museu Yad Vashem, com a troca de objetos de exposição e documentos Conectando assim o local ao global. Analisar como o museu trabalha com a questão da rememoração do Holocausto em um momento em que as vítimas da 1ª geração está morrendo devido à idade avançada.

Os museus contemporaneos estão ocupando um lugar cada vez maior, na cultura e no cotidiano das pessoas. Mas no entanto como demonstra o museu em questão, tem ocorrido uma mudanças nas suas concepções, formato e até mesmo no seu raio de ação, por conta de suas exposições itinerantes, e da própria internet .

O museu do Holocausto de Curitiba, se apresenta, como uma nova forma de atuação na sociedade. Entre as inovações, está o uso da internet como apresentação do museu, mas também como disseminador de eventos, notícias através da rádio, televisão, jornais e exposições. Além disso o museu possui uma página no facebook intitulada “Museu do Holocausto de Curitiba”<sup>xiv</sup>. Na qual faz, um trabalho de postagens das ações desenvolvidas e de um site de viagens chamado tripadvisor<sup>xv</sup> turística do museu. Sobre está

perspectiva podemos nos perguntar qual é o papel das novas mídias, na divulgação da memória do Holocausto?

O que pretendemos compreender com a pesquisa, é como o museu utiliza as novas tecnologias; Como desenvolve suas ações educacionais; Como o museu enquanto “lugar de memória” se inseri ou é inserido num circuito de turismo histórico e cultural, chamado “turismo sombrio”<sup>xvi</sup> A questão da vitimização ou da resistência; Como trabalhar memórias traumáticas. Como o museu estabelece uma relação entre o passado e o presente?

Sabe-se no entanto que as novas práticas de exposição dos museus corresponde a uma transformação nas expectativas do público. Os espectadores buscam experiências que os as “prendam”. Para tanto, o museu trabalha a partir do presente de forma consciente, como pode ser percebido através do quarto tópico dos objetivos: “ Auxiliar na construção de valores superação do ódio, racismo, discriminação e intolerância”, e dá significado a um momento histórico, que esta representado através das simbologias da exposição. Seu acervo denigre ou exalta um fato, um personagem, é capaz de legitimar ou destruir uma nação ou uma ideologia. Os museus e seus acervos/colecionáveis desde Napoleão a Hitler são “depositos” de memória e fontes históricas, que indiscutivelmente contam a história de um período.

O futuro depende da memória, da recordação e mais da sua preservação isto demonstra a importância do museu para seus mantenedores e curadores. Nada escapa da musealização. É claro que nenhum monumento/espço transmite o Holocausto em sua totalidade, não há um “local da memória” capaz deste feito, o que se produz é uma espécie de falsa totalidade, como se o museu lançasse luz a um ponto determinado da história. Histórias detalhes e pontos de vista, das lacunas da memória/história<sup>xvii</sup>.

O museu apresenta como foco principal a educação, justificando a sua atuação a partir do princípio da educação através dos direitos humanos e da tolerância os outros, A procura pela visitaçao por parte das escolas, que o agendamento de visitas (como consta no site) esta esgotado ate dezembro em alguns horarios. As visitaçoes feitas por alunos são exclusivamente guiadas o

que demonstra a preocupação do museu com a história e a representação dos fatos ali abordados. Portanto o museu preocupa-se com as novas gerações e sua educação, mais do que um museu ele se apresenta como uma ligação com o passado e vislumbrado com um futuro.

A criação do museu aparece em um momento em que ha um desafio, em relação a rememoração do Holocausto, com o desaparecimento das vítimas. A principal questão do museu é : Como enfrentar tal desafio?

Muito já se discutiu sobre a história, memória e sobre os testemunhos do Holocausto, mas mesmo assim o tema continua a levantar indagações pertinentes, em relação à história dos fatos ocorridos. Espalhados pelo mundo, vários memoriais, museus, lapides, monumentos retratam a história, e as “representações” do povo judeu, dos ciganos, homossexuais, presos políticos, e tantos outros que por motivos diversos foram perseguidos, presos em campos de concentração, durante o período em que o partido nazista esteve à frente do poder na Alemanha.

A preocupação com a memória de uma forma geral tem sido valorizada, e vem se tornado uma preocupação central na área da cultura e da política principalmente entre as sociedades ocidentais

Além da eliminação física, o regime nacional-socialista se esforçou em eliminar muitos vestígios do Holocausto, como documentos e fotografia e, inclusive, os corpos das vítimas assassinadas. Esse é um dos argumentos utilizados por muitas organizações para investir na memória do Holocausto e em pesquisar as individualidades das vítimas. Seguindo este objetivo de manter viva a história, cria-se o “dever da memória”, uma forma de não “esquecer” as atrocidades cometidas pelos nazistas, e manter a história do Holocausto “visível”, com o objetivo de que atrocidades com estas não voltassem a se repetir. Surgem assim em todo o mundo organizações que buscam através de testemunhos, auto biografia, filmes, poemas, representar os acontecimentos deste período. Os testemunhos e os relatos, segundo Alejandro Baer<sup>xviii</sup>, são considerados exemplos de documentos históricos pela cultura judaica.

Entretanto esta rememoração não foi imediata, devido a uma série de fatores, a memória ou a rememoração do genocídio foi deixada de lado ou pelo menos não foi tão “valorizada” durante um período de aproximadamente quarenta anos. Este foi um período de silenciamento que segundo Dominick La Capra ocorre por varios fatores. Dentre eles, o que o autor LaCapra<sup>xix</sup> assinala como um dos principais motivos do silenciamento seria causado pela extrema

“barbaridade” ocorrida nos campos e durante os anos da guerra. Outra possibilidade de explicação segundo o autor, é o trauma sofrido e pelas inúmeras perdas das vítimas, familiares e amigos.

Os motivos do silenciamento são inumeros, desde a vergonha, trauma, medo, falta de pessoas que estivessem dispostas a ouvir, as retaliações sofridas apos a guerra, o desejo de recomeçar, enfim é impossivel enumerar tantos motivos. Porem na decada de 60 – 70 com o inicio do julgamento de Adolf Eichmann, trouxe a tona varios testemunhos, e “reavivou” o desejo de justiça, e assim ocorre o grande “boom” memorialistico. Desenvolve-se no campo da História os estudos sobre o Holocausto (*Holocaust Studies*), em que se discutem problemáticas relacionadas ao tema, entre elas os limites da representação do Holocausto.

Após o período de silenciamento, e do “boom” memorialistico, as comunidades judaicas ocupam-se da rememoração, e da criação/fundação do “lugares de memoria”; Museus, monumentos, lapides, institutos, enfim cria-se uma obseção pela rememoração da história do Holocausto, e isto se da pela expansão e difusão dos revisionistas e negacionistas, autores como Paul Rassinier, Faurisson e outros, que afirmam entre outros pontos a inexistencia da camaras de gás<sup>xx</sup>

Assim O “dever da memória” ou “ memória justa”, é abordada por muitos autores, como por exemplo Giovanni Levi<sup>xxi</sup> e Tzvetan Todorov<sup>xxii</sup>, que analisam entre outros aspectos a violencia, desempenhada pelos regimes totalitarios, e a justa memória que segundo Todorov é instigada por um motivo maior do que a vingança.

Segundo Maurice Halbwachs<sup>xxiii</sup> a memória é reconstruída a partir de do presente e na relação com a sociedade. Tanto a rememoração individual como a coletiva, só são possiveis a partir de questões do presente. A rememoração e os testemunhos do Holocausto se intensificaram a partir do momento em que a memória dos sobreviventes esteve ameaçada pelos revisionistas. O presente também se torna local apropriado para a rememoração quando a vítima já está em idade mais avançada e não precisa mais se preocupar com o julgamento de seus atos, mesmo que a “culpa” existente seja uma culpa infundada e mesmo absurda.

Assim, a memória do Holocausto tornou-se um meio de muitos indivíduos ou grupos se afirmarem enquanto judeus. Segundo eles, os fatos ocorridos durante o período concentracional só podem ser “contados”/“relatados” por quem viveu a experiência, quem esteve nos locais e épocas em que isto ocorreu. Estas pessoas, segundo Elie Wiesel<sup>xxiv</sup>, tornaram-se “testemunha exemplar”.

## Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. 1942 – *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. (tradução Selvino J. Assmann). São Paulo: Boitempo, 2008.

BAER, Alejandro. *Holocausto. Recuerdo y representación*. Editora Losada. 1ª ed. 2006; Madrid, España.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HALBWACHS, Maurice, 1977 – 1945. *A memória coletiva*. (tradução de Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos. Breve século XX 1914/1991*. Companhia das Letras. São Paulo 1994.

HUYSSSEN, Andreas. *Em busca Del futuro perdido. Cultura y memória em tiempos de globalización*. Fondo de Cultura Económica De Argentina S.A. Buenos Aires - 2001

LACAPRA, Dominick. *Representar el Holocausto: historia, teoría y trauma*. Buenos Aires,

LACAPRA, Dominick. *Historia e memoria después de Auschwitz*. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2009

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia. In: Usos & abusos da história oral*. (Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras). 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

Sousa, Marcelo Sá de. *Sobre os museus pela paz*. UNIRIO / MAST - RJ, Março de 2012.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*. (tradução de Joana Angélica D'Avila Melo). São Paulo: Arx, 2002.

VIDAL-NAQUET, Pierre, 1930. *Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo*. (tradução de Marina Appenzeller). Campinas, SP: Papyrus, 1998.

## PÁGINAS DA INTERNET

Fundação da História Visual dos Sobreviventes da Shoah.

Homepage:

<http://hsw.com.br/framed.htm?parent=shoah.htm&url=http://www.vhf.org/primeiro>  
o acesso 20/10/09

Yad Vashem Museum Fonte: <http://www1.yadvashem.org/es/about/index.asp>  
primeiro acesso 10/11/09

United States Holocaust Memorial Museum Fonte: <http://www.ushmm.org/>  
primeiro acesso 11/10/09

Monumento de Berlin

Fonte: <http://www.viajandaunblog.pop.com.br/post/332/monumento-ao-holocausto-em-berlim>

Museu do Holocausto de Curitiba <http://www.museudoholocausto.org.br/>

## NOTAS

<sup>i</sup> Aluna do programa de pós-graduação em História, Poder e Práticas Culturais, UNIOESTE, ingresso no ano de 2013, linha de pesquisa, Práticas Culturais e Identidade, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>MéridiFrotscher. E-mail Danielle Beiersdorf beie\_dani@hotmail.com

<sup>ii</sup> HUYSEN, Andreas. Em busca Del futuro perdido. Cultura y memoria em tiempos de globalización. Fondo de Cultura Económica De Argentina S.A. Buenos Aires - 2001

<sup>iii</sup> <http://www.yadvashem.org/> que foi fundado em 1953 pelo parlamento de Israel, com o objetivo de preservar a memória dos seis milhões de judeus mortos pelo regime nazista

<sup>iv</sup> Fundação da História Visual dos Sobreviventes da Shoah. Home Page: <http://hsw.com.br/framed.htm?parent=shoah.htm&url=http://www.vhf.org/> que tem objetivo principal, gravar e conservar depoimentos de sobreviventes e outras testemunhas do [Holocausto](#), através do recolhimento de depoimentos, foi fundado por Steven Spielberg (1994).

<sup>v</sup> [http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos\\_view.asp?a=194&p=0](http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=194&p=0)

<sup>vi</sup> Museu do Holocausto em Praga <http://www.jewishmuseum.cz/aindex.php>

<sup>vii</sup> <http://www.ushmm.org/> um dos maiores museus do mundo em memória a todas as vítimas do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial, fundado em 1989

<sup>viii</sup> <http://www.auschwitz.org.pl/>

<sup>ix</sup> O memorial de Berlim, em si, uma criação do arquiteto Peter Eisenman, é uma impressionante construção, cravada estrategicamente entre o Portão de Brandemburgo e a Potsdamer Platz, no bairro de Mitte (Centro). São 2711 colunas de concreto, firmadas em 19 mil metros quadrados – uma área que toma o quarteirão inteiro –, erguidas com ângulos variados (54 na posição Norte-Sul e 87 em Leste-Oeste) e alturas diferentes (as mais baixas, com menos de um metro, e as mais altas, com 4,7 metros). Isso tudo gera uma ondulação que causa um poderoso impacto visual, sublinhado ainda pela estreita espessura entre as colunas: os 95 centímetros entre elas oferecem um caminho livre para o visitante, mas a medida é quase insuficiente para dar passagem a duas pessoas ao mesmo tempo.

<http://www.berlinistin.com/2010/05/memorial-do-holocausto.html>

<sup>x</sup> Uma parceria entre o Laboratório de Estudos da Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER) da USP e a entidade judaica B'nai B'rith do Brasil

possibilitou a criação, em dezembro de 2012, o Instituto Shoah de Direitos Humanos (ISDH). O Instituto, que surge como um departamento da entidade judaica, vai administrar um acervo inicial com cerca de 12 mil documentos sobre o Holocausto reunido nos últimos anos por pesquisadores do LEER.

<http://www.usp.br/agen/?p=126946>

<sup>xi</sup> O Instituto Cultural Marc Chagal foi criado em 25 de novembro de 1985. Marc Chagall foi escolhido seu patrono por caracterizar de modo magistral a vida dos judeus em suas obras. O Instituto localiza-se Rua Gen. João Telles, 329, 2º Andar - 90035-121 - Porto Alegre - RS • Fone: 51 3019.4600 ramal 34

<http://www.chagall.org.br>

<sup>xii</sup> <http://www.museudoholocausto.org.br/>

<sup>xiii</sup> <http://accbeityaacov.org/>

<sup>xiv</sup> <https://www.facebook.com/MuseuShoaCuritiba?fref=ts>

<sup>xv</sup> <http://www.tripadvisor.com.br/>

<sup>xvi</sup> Ver “Sobre os Museus pela Paz” in Souza, Marcelo Sá de. *UNIRIO / MAST - RJ, Março de 2012.*

<sup>xvii</sup> HUYSEN, Andreas. *Em busca Del futuro perdido. Cultura y memória em tiempos de globalización.* Fondo de Cultura Económica De Argentina S.A. Buenos Aires - 2001

<sup>xviii</sup> BAER, Alejandro. *Holocausto. Recuerdo y representación.* Editora Losada. 1ª ed. Editora Madrid, 2006, p. 50

<sup>xix</sup> LACAPRA, Dominick. *Representar el Holocausto: historia, teoría y trauma.* 1a ed. Buenos Aires: PrometeoLibros, 2008

<sup>xx</sup> As análises destes autores encontra-se no livro de: VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo.* Tradução de Marina Appenzeller, Campinas, SP: Papyrus, 1998

<sup>xxi</sup> LEVI, Giovanni. *Usos da biografia. In: Usos & abusos da história oral/ Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 167*

<sup>xxii</sup> TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem / tradução de Joana Angélica D’Ávila Melo – São Paulo: Arx, 2002. p. 206.*

<sup>xxiii</sup> HALBWACHS, Maurice, 1887-1945. *A memória Coletiva*, tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

<sup>xxiv</sup> No ano de 1944, com apenas 15 anos de idade, Wiesel foi deportado para Auschwitz – Birkenau, escreve diversos livros, no total 40 obras sobre a catástrofe vivida, englobando relatos, crônicas e romances. O que mais se destaca como relato dos campos de extermínio é “A Noite”.